

Sejamos Humildes, Colegas

RUBEM BRAGA

HOUVE mais um crime passionai: abandonado pela espôsa, que foi viver com outro, um homem foi até a casa onde estava o par. Duelo de tiros: morreu o amante, a senhora ficou ferida e o marido criminoso foi prêso.

Já fui cronista policial e nunca deixei de ler crônicas policiais. Lendo essa história em dois ou três jornais, fiquei depois a pensar nesse mistério profundo que envolve o critério do redator policial. Há o crime. Horas depois, o crime está na rua, impresso, o seu romance. Em cinco ou dez linhas (às vêzes, santo Deus, em vinte ou cem), conta-se a história íntima do casal. Quase invariavelmente, nos casos como o de agora, o cronista policial afirma que durante tantos anos o casal viveu em «perfeita felicidade». E com um desembaraço esplêndido, explica porque sumiu de repente essa felicidade, invadindo a psicologia dos cônjuges, distribuindo adjetivos infamantes ou honorosos, estabelecendo com uma espantosa facilidade o quadro e a mecânica de paixões e sentimentos. E' extraordinário. A história chega ao leitor, simples, clara, com uma etiquêta decisiva pregada na testa de cada personagem: o bom, o mau, a traioeira, o criminoso, a vítima.

O cronista policial não conhece problemas, não padece dúvidas. Contai-lhe dois fatos secos, êle redigirá um romance imediato, que é sempre, em resumo, um episódio da luta entre o Bem e o Mal, entre o Vício e a Virtude.

E lá estão no jornal os retratos dos personagens, retratos tirados em outros dias, sorrisos hoje despedaçados a bala ou substituídos pelo carão da tragédia.

Ah, colegas da crônica policial, sejamos humildes perante êsses dramas da vida. Evitemos pregar arbitrariamente em cada testa um rótulo definitivo. Contemos o que aconteceu, sejamos secos e precisos. Não julguemos. Que sabemos nós do coração alheio e como poderemos reconstituir em algumas horas, à luz de relâmpago de um crime, tôda a história emotiva de um casal? Contemos o que cada um disse depois do crime, o que outras pessoas disseram; levemos ao público honradamente palavras e fatos. Não façamos nem um romance, nem um julgamento. Aca-so sabemos ler nos corações?

Nenhum coração está tão perto do meu como o de Joana, e que sei do coração de Joana? Êle tem tristezas secretas e alegrias íntimas que Joana guarda para si. Êle tem a decepção e o fervor: êle tem a raiva e a ternura. E se nem as palavras, nem os risos e as lágrimas de Joana podem me contar êsse mundo, que me resta fazer? Ser humilde. Eu sou humilde, Joana. Sejamos humildes, colegas da crônica policial. Por que dizer que a mulher já não amava os filhos? Como, por que, para que dizer?

Não digamos nada. Contemos que o primeiro tiro foi dado presumivelmente a quatro passos de distância; mas a primeira decepção, a primeira onda de ternura, o último suspiro de tédio, o pranto de desespêro não, isso não sabemos. Não sabemos, ninguém sabe. Nem sequer devemos saber.

DN - 17.12.67

410